

LINGUASAGEM

IDENTIDADES DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE DISCURSOS ACERCA DA REALIDADE DO/A PROFESSOR/A

Déborah Caroline Cardoso PEREIRA¹
Juliane D´ALMAS²

Resumo

A carreira docente no Brasil tem estado em crise e a chegada do novo coronavírus intensificou os desafios. Com a aplicação de medidas de isolamento social, fechamento de escolas e aulas remotas, o trabalho do/a professor/a ficou em maior evidência. Assim, é objetivo deste estudo analisar tirinhas e cartoons que retratam a realidade de professores/as em tempos de pandemia e verificar como tais textos podem impactar nas identidades destes profissionais. Para isso, fizemos uso da análise de discurso crítica (ADC) e o modelo tridimensional de Fairclough (1992; 1995). As análises realizadas nos permitiram identificar que os/as autores/as/professores/as reproduziram nas publicações suas próprias realidades multifacetadas, ilustrando suas identidades pessoais para apontar o acúmulo de funções e a pouca visibilidade e valorização profissional no momento de pandemia.

Palavras-Chave: Identidade docente; Pandemia; Análise de Discurso Crítica; Discurso.

Abstract

The teaching career in Brazil has been in crisis and the arrival of the new coronavirus has intensified the challenges. With the application of measures of social isolation, closing schools and remote classes, the work of the teacher became more evident. Thus, the aim of this study is to analyze comic strips and cartoons that portray the reality of teachers in times of pandemic and to see how such texts can impact the identities of these professionals. For this, we used the critical discourse analysis (CDA) and Fairclough's three-dimensional framework (1992; 1995). The carried out analyzes allowed us to identify that the authors/teachers reproduced in their publications their own multifaceted realities, illustrating their personal identities to point out the accumulation of functions and the little visibility and professional valorization in the time of a pandemic.

Keywords: Teacher Identity; Pandemic; Critical Discourse Analysis; Discourse.

Introdução

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: deborahccp@hotmail.com

² Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus Apucarana. E-mail: julianedalmas@gmail.com

Há tempos o cenário brasileiro docente está em crise (KUENZER; MORAES, 2005). Algumas pesquisas indicam aspectos a serem considerados, tais como: o desinteresse pela carreira docente (CALVO, 2011; ARANHA; SOUZA, 2013), a desvalorização deste profissional pela mídia (D'ALMAS, 2011), a alta desistência nos cursos de graduação e o aumento na quantidade e na complexidade dos cursos de formação continuada (ANDRADE, 2007), lato e stricto sensu. Alguns estudos no campo da identidade de professores (SILVEIRA, 2009; CALVO, 2011; ARANHA E SOUZA, 2013) mostram também que muitos desses profissionais são originários das classes menos favorecidas e foram estudantes com desempenho baixo ou mediano em seus percursos durante a educação básica.

Segundo Aranha e Souza (2013), esta crise começou já nas décadas de 60 e 70 quando as escolas passaram a ser criticadas por serem “um instrumento de reprodução social e da ideologia dominante” (p.77), culminando na desestabilização dos saberes escolares e do trabalho docente. Para legitimar a crise do cenário docente, a mudança da condição discente, com a obrigatoriedade do ensino para todos, sem o preparo e condições necessárias, bem como a desvalorização do saber, baixa remuneração docente, precariedade das condições de trabalho, tornou precário e desvalorizado o trabalho docente. E assim configura-se a atual situação educacional no país, quanto mais vagas discentes são criadas, menos vagas docentes são preenchidas.

Atualmente, a situação ainda se agravou. Um vírus³ altamente contagioso chegou ao Brasil em março de 2020 e rapidamente modificou todo cenário educacional do/no país. O calendário de algumas instituições foi suspenso (especialmente no ensino superior), enquanto, em outras instâncias, as aulas precisaram ser reformuladas para acontecerem remotamente, via plataformas digitais, gravação de vídeos, agendamento de encontros on-line, etc. Até mesmo as instituições de ensino à distância (EaD) se revelaram despreparadas para prover um ensino 100% online⁴. Professores/as passaram a ser tutores, youtubers, produtores de material didático digital e até mesmo psicólogos.

Por conseguinte, a profissão docente que sempre enfrentou obstáculos no país passou a ser ressignificada na prática e na opinião dos cidadãos e instituições brasileiras.

³ Para maiores informações sobre a doença e o vírus: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

⁴ Haja vista que as avaliações normalmente ocorrem de maneira presencial, por exemplo.

Manifestações que vão desde memes⁵ até decretos oficiais revelam o olhar do outro sobre o agir docente. Por isso, neste estudo, objetivamos analisar quatro tirinhas e cartoons que mostram a vida do/a professor/a no momento da pandemia. Analisamos como estes discursos podem impactar nas identidades destes profissionais e em como a sociedade enxerga os docentes, por meio da análise de discurso crítica (ADC) e o modelo tridimensional de Fairclough (1995).

Esperamos que com esta pesquisa possamos contribuir para a área da Linguística Aplicada no que tange as relações sociais mediadas pela linguagem e para o campo das investigações sobre a identidade docente no Brasil, especialmente em tempos de pandemia, momento que ficará marcado na história de todas as profissões.

Com o intuito de organizar a leitura, partimos de uma breve conceituação teórica-metodológica sobre identidade docente e análise de discurso crítica (ADC) para, em seguida, explicamos os percursos metodológicos do estudo. Após, apresentamos as análises das quatro produções acompanhadas de uma seção de resultado das análises, onde trazemos apontamentos em comum entre as publicações investigadas. Por fim, tecemos as considerações finais.

Referencial teórico

Neste tópico, discutiremos o conceito de identidade e do desenvolvimento identitário docente. Em seguida, apresentaremos o arcabouço teórico-metodológico que suporta a análise dos dados deste estudo, como já mencionado, a análise de discurso crítica (doravante ADC).

A identidade docente em (re)construção: conceitos e posicionamentos

A identidade docente tem sido alvo de atenção de pesquisadores nacionais e internacionais. As pesquisas possuem inúmeros enfoques: Silva (2011) e D'Almas (2011) investigaram a influência das propagandas do MEC na construção da identidade dos professores no Brasil; Audi (2010, 2011), Calvo (2011), Piconi e Mateus (2011), Figueredo (2013), e Rabello (2013) discutiram o processo de (re)significação identitária

⁵ “... a expressão Memes de Internet é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difundi através da web rapidamente. O Meme pode ser uma frase, link, vídeo, site, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de e-mails, blogs, sites de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.” (<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>)

dos professores a partir do envolvimento com o Outro; Passoni (2010) analisou a influência do ensino colaborativo na identidade profissional docente; Tomazoni e Lunardi (2011) pesquisaram a respeito da identidade dos professores de inglês não nativos; Veen et al (2011) estudaram acerca da identidade de professores frente a reformas; Norton (2013) verificou como as práticas de letramento engajam ações identitárias; Barros et al (2013) discutiram a respeito da interculturalidade e a construção da identidade.

Como já citado, nosso interesse de pesquisa recai no campo da investigação das identidades de professores/as afetadas e manifestadas durante a pandemia do COVID-19. Para isso, iniciaremos abordando alguns aspectos da formação identitária docente.

Para discutir o conceito de identidade é necessário associá-lo à maneira com que o indivíduo se comunica, pois, segundo Fairclough (2003), o modo com que o falante compromete sua fala indica como ele se identifica. Entretanto, a identidade “não é puramente um processo textual, não é somente uma questão de língua” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 160). Como agentes sociais, as identidades dos sujeitos começam antes mesmo do nascimento e do aprendizado de qualquer língua. Neste sentido, Fairclough (2003) explica a existência e a distinção da identidade social e da identidade pessoal. Para o autor, a identidade pessoal é constrangida pela identidade social, uma vez que ao nascer o indivíduo já está inserido em um contexto social diante do qual não possui escolhas, ou possui escolhas constrangidas. Todavia, os limites deste posicionamento podem ser ultrapassados por meio da capacidade de transformação e mudança social.

O mesmo parece acontecer com a identidade docente, ao tornar-se professor, o sujeito já estará inserido em um contexto social, histórico e cultural e, portanto, cheio de imposições sociais. No entanto, a partir do desejo e da capacidade de mudança e pela característica “múltipla, diferenciada e dinâmica” (TELLES, 2004, p.59) das identidades, é possível reverter tais condições e imposições.

Assim, mesmo considerando agência um fator essencial na identidade profissional dos professores, haja vista que estes são ativos na sua própria construção identitária, baseamo-nos no pressuposto de que as identidades também são formadas e reformadas por aspectos exteriores, pois como afirma Fairclough (2003), a agência depende tanto da relação com as práticas e estruturas sociais, como da relação com a capacidade do próprio agente.

Optamos por utilizar o termo **identidades** no plural, pois como defende Telles (2004) não é apenas um momento, uma verdade absoluta na vida das pessoas que

caracteriza a sua identidade profissional, ao contrário, são referências universais, contextos dentro e fora da sala de aula que constituem as suas identidades. Segundo Hall (2006) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (p. 10).

A sociedade pós-moderna em que vivemos, assim como nossas identidades, não é unificada. A sociedade também é marcada pela diferença e produz diferentes “posições de sujeitos” (HALL, 2006, p.14), as quais Hall (2006) acredita serem as próprias diferentes identidades.

Com isso, este estudo corrobora com a definição de identidade de um sujeito descentrado, deslocado, o que pode ocasionar a chamada crise de identidade. Hall (2006) a considera benéfica, uma vez que os indivíduos podem se (re)criar. Compartilhamos essa ideia por acreditarmos que a existência de diferentes identidades e a capacidade de modificá-las nos torna sujeitos mais completos.

Barros et al (2013) explicitam que há duas tendências a serem consideradas no estudo da identidade: a fixação e a subversão. Os autores explicam que “o processo de fixação concebe identidade como sendo fixa, acabada e imutável. Na subversão, as identidades são tidas, também, como incoerentes, fragmentadas e cambiantes” (BARROS et al, 2013, p. 285). Este segundo sentido é o sentido de tornar-se e não de ser. É neste processo que os autores atribuem a chamada crise de identidade e é nesta tendência que baseamos este trabalho.

Logo, para discutir identidades, dois conceitos são essenciais: a diferença e o Outro. Segundo Mastrela-de-Andrade (2013), a diferença, em princípio, parece se contrapor à identidade. Entretanto, elas estão em “estreita dependência” (MASTRELA-DE-ANDRADE, 20013, p. 32) elas são inseparáveis, pois aquilo que somos depende daquilo que não somos. Ainda nesse sentido, Beijaard, Meijer e Verloop (2011) afirmam que identidade não é um atributo fixo de uma pessoa, mas um fenômeno relacional. Isto é, além de ser construída pelo indivíduo na relação consigo próprio, essa identidade, também se estabelece nas relações que o sujeito constitui com os outros, identificando suas semelhanças e diferenças. Para os autores, identidade pode ser a resposta para a seguinte questão: Quem sou eu neste momento?

Em outras palavras, nossas identidades não pertencem somente a nós, mas

também ao Outro com quem lidamos, (FIGUEREDO, 2013), uma vez que ela é fruto constante da negociação e interação com o Outro (RABELO, 2013; SOUZA; REIS, 2013; BARROS et al, 2013). O Outro é marcado não somente por indivíduos, mas também por diferentes contextos, tais como: contexto familiar, de trabalho, por leis, políticas públicas, enfim, todo o contexto sócio-histórico-cultural que constitui o entorno do indivíduo e molda as diferentes identidades do sujeito.

Desta forma, Souza e Reis (2013) defendem que as identidades não podem ser previstas ou controladas. Ainda que fruto social e não biológico (HALL, 2006), elas podem se desenvolver involuntariamente. Elas são substancialmente dependentes da diferença, do contexto, das práticas sociais, das relações sociais, enfim, do Outro.

Portanto, as identidades são plurais, contraditórias e instáveis. Segundo Mastrella-de-Andrade (2013), as novas identidades do sujeito podem surgir em diferentes instantes da vida. Por essas razões, o foco deste estudo está nas identidades criadas e recriadas durante a pandemia do COVID-19. Assim, procuramos investigar a identidade profissional docente, consciente da sua existência sem, contudo, definir onde ela se inicia ou se encerra.

Análise de Discurso Crítica (ADC)

Em relação ao quadro teórico-metodológico fundamentado na Análise de Discurso Crítica (ADC), tomamos por base os estudos de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (1992; 1995; 2003) além de outras publicações que revisitaram as obras dos autores supracitados ou utilizaram a ADC em seus trabalhos.

Chouliaraki e Fairclough (1999) indagam a respeito do status científico social da ADC, refletindo se esta é uma teoria, um método ou ambos. Os próprios autores defendem, então, que a ADC se configura como teoria e método, por analisar práticas sociais, evitando a busca por resultados sem teoria, e uma teoria desenvolvida por meio das próprias construções teóricas e da análise, “no entanto, trata-se de uma ‘abordagem transdisciplinar da linguagem na vida social que se situa na interface entre a Ciência Social Crítica (CSC) e a Linguística Sistemico Funcional (LSF)’” (RESENDE, 2006, p. 1070).

Dentre os estudos basilares da ADC, Ramalho (2005) aponta as contribuições de Bakhtin e Foucault. O primeiro autor prioriza a relação indissolúvel da linguagem com

seus usuários, e apresenta a visão dialógica e polifônica da linguagem. Ou seja, todos os discursos respondem e antecipam discursos, como também retomam vozes anteriores e posteriores (RAMALHO, 2005).

Ao tratar de discurso para Chouliaraki e Fairclough (1999), ele está relacionado a elementos semióticos da prática social, incluindo língua, comunicação não-verbal e imagens visuais. Ramalho (2005) explica também que discurso para a ADC é um elemento constituinte do social e também constituído por ele. Ainda para Wodak e Meyer (2009) compreendem discurso como “usos da linguagem relativamente estáveis que servem à organização e estruturação da vida social” (p. 6).

No que tange a noção foucaultiana importada para a ADC, a contribuição está no aspecto constitutivo do discurso, ou seja, a língua constitui o social, os objetos e os sujeitos sociais. Além deste caráter, os estudos de Foucault auxiliam na relação entre poder e discurso e ao sinalizar que mudanças nas práticas discursivas são um indicativo de mudança social (RAMALHO, 2005).

Enquanto o sujeito, segundo a perspectiva da ADC, não é um efeito das formações discursivas, os “sujeitos sociais são tanto moldados por práticas discursivas quanto capazes de remodelá-las e reestruturá-las” (RAMALHO, 2005, p. 286). Por isso, a autora defende o discurso como uma ação capaz de constituir a identidade e ser constituído por ela.

Além de suas três características fundamentais, a ADC é considerada um modelo tridimensional, para a análise de discurso, por ser permeada por três dimensões básicas. Segundo Fairclough (1992), "qualquer 'evento' discursivo é visto como sendo simultaneamente um pedaço de texto, uma instância de prática discursiva e uma instância de prática social" (p. 4). O autor propõe, então, a seguinte figura:

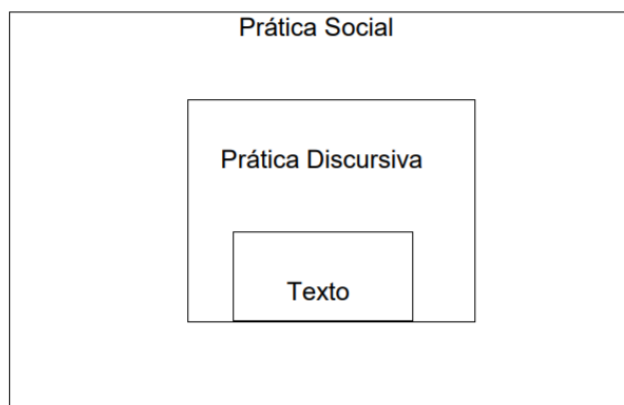


Figura 1. Modelo tridimensional de Fairclough.⁶

Essas são as três dimensões do discurso, ou seja, todo discurso é simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social (OLIVEIRA, 2013), podendo haver, no entanto, uma separação analítica desses três aspectos (RESENDE; RAMALHO, 2006).

A análise textual envolve o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual, enquanto a análise da dimensão da prática discursiva diz respeito à produção, distribuição e consumo do texto, e por fim, a análise da prática social está relacionada às questões de ideologia e hegemonia (OLIVEIRA, 2013; RESENDE; RAMALHO, 2006).

Portanto, ao ver o discurso como prática social, estamos nos comprometendo em não somente analisar textos, processos de produção e interpretação, mas a analisar as relações entre texto, processo e condições sociais, estruturas sociais e condições imediatas. Ou seja, a relação entre texto, interação e contexto. (FAIRCLOUGH, 2001).

Nesse caminho, o autor distingue três propriedades formais da ADC, sendo elas:

- 1) descrição: preocupação com as propriedades formais do texto;
- 2) interpretação: se preocupa com a relação entre texto e interação - vendo o texto como produto de processos de produção, e como uma fonte do processo de interpretação;
- 3) explicação: se preocupa com a relação entre interação e contexto social – com a determinação social e os processos de interpretação e produção e seus efeitos sociais.

Finalmente, com o intuito de refletir a relação entre linguagem e sociedade (RESENDE, 2009), a ADC é uma abordagem transdisciplinar equilibrada entre aspectos sociais e linguísticos (RESENDE; RAMALHO, 2006). Corroboramos, portanto, com as orientações de Fairclough, o qual defende que uma abordagem crítica revela conexões e causas ocultas (RAMALHO, 2005; RESENDE; RAMALHO, 2006) e ainda procura intervir em situações de desvantagem (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Em outras palavras, “os analistas críticos do discurso acreditam que a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade a fim de desvelar e superar relações de dominação” (RAMALHO, 2005, p. 281).

A ADC é um aporte teórico-metodológico muito utilizado para análise textual e de imagem, pois com ela é possível desvendar várias etapas da produção e circulação de

⁶ Fonte: Oliveira (2013); Resende; Ramalho (2006).

um discurso. Outros autores (D'ALMAS, 2011; SILVA, 2011; RORATO, 2015) já fizeram uso da ADC para explicar a relação do discurso com a identidade docente. Tendo explicitado o aporte teórico-metodológico, na próxima seção apresentaremos os passos metodológicos da pesquisa.

Percurso metodológico

Como mencionado na seção anterior decidimos utilizar a ADC como arcabouço teórico-metodológico para a análise do material selecionado, partindo das três dimensões do modelo criado por Fairclough (1995). Além disso, é necessário frisar que esta pesquisa é de cunho qualitativo, tendo como intuito analisar as ações, comportamentos e representações de mundo. Para Schwandt (2000), a natureza qualitativa de uma investigação deve ser vista como um terreno para a crítica social.

A fim de olhar para tal crítica social, nosso objeto de análise serão quatro publicações curtas que circulam via internet, as quais retratam a vida do/a professor/a durante a pandemia. O objetivo da escolha de tais produções é mostrar que, mesmo imagens e discursos que parecem simples e recorrentes, são capazes de promover relações sociais mediadas pela linguagem – nesse caso, podendo ser tanto de valorização ou depreciação da profissão docente.

Faz-se primordial explicarmos então como decidimos por analisar tais tirinhas e cartoons, especificamente sobre o trabalho do/a professor/a durante a pandemia. Primeiramente, devemos deixar evidente que somos professoras e como tais, somos capazes de nos identificar com as produções escolhidas, uma vez que enfrentamos algumas das mesmas dificuldades apresentadas. Logo, o interesse pelo assunto das publicações não foi imparcial, pois desejávamos falar sobre este tema que tanto nos aflige.

Seguido à escolha do foco da investigação, buscamos na internet pelo tema “professor na pandemia” e, ao mesmo tempo, vasculhamos nossos arquivos pessoais (conversas em aplicativos, publicações em redes sociais, etc) em busca de “memes”, tirinhas, cartoons, charges ou qualquer outro gênero que trouxesse uma crítica social em poucas palavras.

Logo, fizemos um recorte pensando em como tais publicações chamaram nossa atenção, como eram atuais e no potencial que possuíam para uma análise do discurso e seus efeitos na identidade docente.

A primeira produção, em forma de tirinha, foi criada por uma professora universitária⁷ que trabalha com uma das autoras deste artigo e viralizou na *web* via *Facebook* e *Instagram*. O segundo texto escolhido foi recebido via *WhatsApp* pela outra autora deste artigo e as duas últimas publicações foram encontradas em uma notícia⁸ na internet, por meio da pesquisa supracitada. Seguindo a ordem comentada, estes são os materiais a serem analisados:



Figura 2. Publicação número 1⁹.



⁷ Prof^a. Ma. Amábile Piacentini Drogui, professora do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual do Paraná, a qual nos concedeu o uso da imagem.

⁸ Link de acesso: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

⁹ Fonte: Drogui (2020); @quebrandootabu (Instagram).

Figura 3. Publicação número 2¹⁰.

Figura 4. Publicação número 3.



Figura 4. Publicação número 3¹¹.

Figura 5. Publicação número 4.



Figura 5. Publicação número 4¹².

Todos as figuras tem o/a professor/a como protagonista e, apesar de não deixarem explícito, podemos perceber que são referentes ao período de pandemia e o trabalho remoto, vide ainda suas datas de publicação e recebimento. Partiremos para a análise de

¹⁰ Fonte: @escoladepassarinhos (Instagram).

¹¹Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

¹² Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

cada um deles separadamente na seção seguinte.

Análise das publicações

Análise da primeira publicação

Partindo da análise textual é possível identificar na publicação número 1, algumas expressões que fazem com que o público crie uma certa imagem do/a professor/a em relação ao trabalho remoto. Na frase: “Professora **folgada** essa da minha filha, deu **somente** vinte minutos de aula” as palavras em negrito acarretam um sentido de desmerecimento e fazem com que a professora da tirinha pareça não estar interessada em lecionar. A palavra folgada transmite falta de responsabilidade com o trabalho. A expressão “somente 20 minutos de aula” faz uma comparação com o período total de uma aula presencial que pode ser em torno de 45 a 50 minutos. Ou seja, a professora não está interessada em lecionar, pois não utilizou o tempo total que deveria.

Já no segundo quadrinho vemos a frase: “Levei **mais de 3 horas** para **gravar, editar, subir no youtube, criar o link e enviar** essa videoaula de 20 minutos. **Bem objetiva**, para **não cansar** os alunos”. Neste trecho percebemos que a autora da tirinha enfatizou o tempo que o/a professor/a leva para preparar uma videoaula usando a expressão “mais de 3 horas”. A frase segue com a sequência de verbos “gravar, editar, subir, criar, enviar” que demonstram a quantidade de etapas necessárias para que a aula seja efetivamente disponibilizada para os estudantes. Na última sentença, o uso do advérbio “bem” e o adjetivo “objetiva” seguidos da expressão “para não cansar os alunos” trazem o sentido de preocupação com o conteúdo, didática e motivação dos discentes.

No que concerne à prática discursiva, como já sabemos, o contexto de produção da tirinha foi em meio a pandemia e feita por uma professora universitária que enfrenta diariamente a mesma situação. Foi postado na rede social *Facebook* e viralizou através de compartilhamentos até chegar em páginas famosas como a “Quebrando o tabu” tanto no *Facebook* quanto no *Instagram*. Neste último, recebeu milhares de comentários positivos exaltando a profissão do professor, mas também recebeu alguns comentários negativos.

É aqui que entramos na análise da prática social e na relação com a identidade docente. Produções como esta podem gerar tanto um apreço pela profissão docente quanto um desprezo. Acreditamos que haverá pessoas que irão se identificar com o primeiro quadrinho e outras que se identificarão com o segundo. Mesmo tendo sido produzido por uma professora e distribuído com a intenção de enaltecer o trabalho do/a professor/a via às mudanças do trabalho presencial para o trabalho remoto, nada pode garantir que todos irão recebê-la e compreendê-la da mesma maneira, pois questões ideológicas perpassam diferentes grupos sociais.

Ou seja, as crenças, valores e desejos da autora, professora-pesquisadora, estão representados nesta tirinha. Por outro lado, sua leitura, interpretação e análise é um construto social e o/a leitor/a o fará a partir de suas próprias realidades, experiências e ideologias.

Análise da segunda publicação

A segunda publicação selecionada trata da questão temporal tendo como foco o trabalho do professor antes e depois da pandemia. Ao analisarmos as questões linguísticas referentes ao texto, percebemos que na primeira imagem temos apenas a palavra “professor” no currículo do “passarinho” enquanto no segundo quadrinho vemos uma infinidade de outras profissões que são somadas à do professor e estão intrinsecamente ligadas ao trabalho remoto. São todas profissões do meio digital e que os professores se viram obrigados a desenvolver durante o isolamento social.

Esta tirinha foi criada por uma página do *Instagram* intitulada “escola de passarinhos”, onde é possível encontrar diversas produções sobre o universo escolar, com foco na vida dos alunos e dos professores. Ademais, elas trazem sempre a moral de que, a educação é libertadora e essencial ao ser humano. O criador da conta se identifica como educador e contador de histórias em quadrinhos. Na mesma página podemos encontrar várias outras tirinhas com foco no trabalho docente em meio à pandemia (e também anteriores às medidas de distanciamento social), todas com o intuito de apresentar as dificuldades da vida docente e a fim de enaltecer o/a professor/a. Provavelmente, quem segue o perfil vai ao encontro das ideias de seu criador, pois se fosse o contrário, não o faria.

Notamos também que a linguagem não-verbal presente nesta tirinha não sofreu alterações. Ou seja, o autor manteve o passarinho trabalhando no computador “antes e depois da quarentena”, sendo a única mudança o acréscimo de alguns símbolos que provocam o efeito de maior movimento nos teclados, entendido como um trabalho mais árduo.

A partir das contribuições da ADC, compreendemos que o efeito social desta publicação está relacionado às práticas discursivas comumente manifestadas sobre a profissão docente como algo simples, aquela que “só dá aulas”. Se antes da pandemia do COVID-19, éramos “apenas” professores/as, e grande parte da sociedade já não compreendia as responsabilidades e afazeres que ocorrem além dos limites da sala de aula, depois da pandemia o autor enaltece: nos tornamos “influenciadores digitais, *youtubers*, cinegrafistas, diretores de arte”, etc. Ou seja, fica evidente o sentido de subversão das nossas identidades (BARROS et al, 2013), deixamos de “ser” para nos tornarmos. Assim como nossas mudanças identitárias, consequência da crise sanitária, política, social e econômica que enfrentamos, fazendo com que desenvolvamos identidades diferentes em um momento tão singular (HALL, 2006).

Análise da terceira publicação

Diferentemente das produções anteriores, esta trabalha mais com os signos visuais do que com a linguagem verbal, mas, como aponta Wodak e Meyer (2009) a ADC também atua com a “extensão de aspectos não-verbais (semióticos, multimodais, visuais) da interação e comunicação” (p. 2).

Na imagem é possível perceber as várias facetas que o/a professor/a adquiriu com o trabalho remoto, pois a casa não é seu local de trabalho e nela o/a professor/a tem outras funções que se acumulam e multiplicam quando precisam ser realizadas concomitantemente. O autor desenvolve uma metáfora de que a professora possui vários braços, como um polvo, para dar conta de suas tarefas, e em suas telas podemos notar que ela está participando de muitas atividades ao mesmo tempo.

O cartoon foi criado pela página do *Facebook* “Luis Cardoso Cartoon”, que é um professor e ilustrador e posta figuras desenhadas por ele mesmo com temas diversos, mas na grande maioria das vezes, com foco na carreira docente. A página tem cerca de 2 mil seguidores.

Enquanto uma instância de prática social (FAIRCLOUGH, 1992), o texto nos evidencia a relação entre a vida profissional e pessoal desta trabalhadora. O espaço físico que separava tais identidades já não existe mais, porém as demandas e expectativas se mantêm e se confundem, sobrecarregando a professora e exigindo mais do que sua própria capacidade física. É neste momento que acontece a crise de identidade da qual Barros et al (2013) se referem, pois há uma fragmentação e multiplicidade das identidades dentro de um mesmo espaço social.

Análise da quarta publicação

Partindo para a análise da última produção, vemos a imagem de uma professora aparentemente cansada e irritada, cercada por livros, computador e celular, e recebendo uma diversidade de comentários tanto relacionados ao seu papel profissional quanto ao papel pessoal (neste caso, de mãe e filha). As expressões faciais da professora demonstram que ela está irritada, com suor no rosto, e os desenhos ao redor de sua cabeça são típicos do gênero textual quadrinhos (ou ainda tirinhas e charges) para enfatizar quando a pessoa está brava, nervosa.

Quanto ao seu papel de professora, podemos ver que as mensagens recebidas partem tanto de alunos, pais de alunos e direção/coordenação da escola. Todas são pedidos ou reclamações, nenhuma delas exalta ou elogia o trabalho da docente. Quando a fala é de um colega de trabalho ou superior, notamos um uso mais formal da língua portuguesa e um tom imperativo. Já quando é a fala de um aluno, a linguagem passa a ser mais informal e há o uso de contrações como em “**fessora**”. A frase “**O vídeo é muito longo, fessora. Dá pra resumir?**” traz o sentido de preguiça e insatisfação por parte do aluno. Outra frase que demonstra insatisfação é a que pertence a mãe de um aluno, a qual diz “**Professora, aqui é a mãe de fulano. É sobre a nota dele...**”. Ou seja, a mãe parece não ter gostado da nota que o filho obteve na disciplina da professora e está ligando para reclamar.

Como mencionamos anteriormente, nenhum dos balões traz frases que são elogios, agradecimentos ou demonstram valorização do trabalho da professora. São essas frases que causam as expressões faciais e demais estratégias imagéticas para mostrar que a docente está cansada e desanimada. Estas frases também dão sentido à crise de

identidade que o cartoon parece querer representar, pois a personagem se vê no meio de várias funções e sem tempo para exercê-las de maneira satisfatória.

Não conseguimos identificar o criador desta produção, porém supomos que é alguém que pode estar passando pelas mesmas situações ou as percebe muito próximo de si. Além disso, por ser um cartoon propagado via *web*, a imagem ganha abrangência e viraliza, não importando exatamente quem o produziu.

A publicação em questão pode causar tanto reações positivas quanto negativas, pois algumas pessoas podem se identificar com a professora, enquanto outras podem se ver nos balões, fazendo as cobranças advindas de seus papéis sociais em relação à personagem principal. Isto é, a identidade da personagem não pertence somente à ela, mas também ao(s) Outro(s) (FIGUEIREDO, 2013) com quem ela se relaciona.

Resultados da análise

Após análise dos quatro textos selecionados para este artigo conseguimos traçar pontos em comum entre eles e que são capazes de fazer um paralelo com a questão da identidade docente.

No que tange a prática social, todas as publicações tratam de questões ideológicas sobre o trabalho do professor que corroboram com o que comentamos no início deste artigo, que a profissão docente tem sido desvalorizada e pouco procurada. A pandemia e a transposição para o contexto de aulas remotas só vieram para reforçar tal desvalorização, haja vista que o/a professor/a está tendo mais trabalho, mais dificuldades e aumento de sua carga horária. Ademais, por coincidência ou não, as protagonistas de três das quatro produções são professoras mulheres, o que acaba reforçando a ideia de que a carreira docente é majoritariamente feminina e, por isso, os cartoons e tirinhas mostram outras situações que possivelmente não apareceriam se o protagonista fosse homem, uma vez que as atividades domésticas ainda estão sob maior responsabilidade das mulheres. Acreditamos também que os/as docentes retratados podem ser pertencentes tanto à educação pública quanto privada, de nível básico ou superior, afinal, todos estão enfrentando dificuldades similares e o contexto social é o mesmo.

Outro ponto em comum entre todas as imagens é o seu poder de abrangência, visto que os gêneros cartoon e tirinhas migraram facilmente para o mundo digital, podendo chegar a milhares de pessoas em um único clique, ou seja, a sua prática discursiva, seu

contexto de produção, distribuição e consumo já possui necessariamente um público alvo, mas que, ao mesmo tempo, está à mercê de qualquer tipo de comentário e julgamento, pois a internet tende a ser uma terra sem lei.

Desse modo, o trabalho do/a professor/a pode ser visto de diversas formas, e as publicações, mesmo tendo o objetivo de valorizar a profissão docente podem vir a receber uma resposta contrária. Além disso, diferentemente de algumas outras profissões, que podem continuar de maneira remota após o fim das medidas de distanciamento social, a docência certamente não leva esta possibilidade em consideração. Pelos dados analisados, percebemos que a intenção de seus autores era demonstrar o acúmulo de funções do/a professor/a, por meio da ilustração de suas identidades pessoais, e sua pouca visibilidade e valorização no momento.

No que tange ao contexto de produção das publicações, três dos quatros autores/as são professores/as (a publicação de número 4 não teve a autoria identificada). Para Oliveira e Fernandes (2014), a profissão docente é a mais desprestigiada e a menos atrativa no Brasil. As autoras revelam que a média salarial dos professores da educação básica é pouco maior do que a metade do salário de outros profissionais com a mesma formação em nível superior (deve-se considerar ainda a grande diferença na remuneração docente nos estados brasileiros). Diante desses fatos, o ofício docente na educação básica ainda é socialmente marcado como uma profissão desprestigiada e, como já citado, está em crise. Assim, a produção e o consumo de textos, como os gêneros aqui analisados, refletem a tentativa dos/as professores/as de dialogar com a sociedade sobre as reais necessidades e responsabilidades docentes.

Vale retomar o fato de que todas as personagens das produções analisadas são mulheres¹³. Fairclough (2001) afirma que nas relações sociais, entre homens e mulheres, por exemplo, há relações de poder, e tais relações influenciam as características de uma sociedade. Por isso, questões de gênero não podem ser encaradas superficialmente. É evidente, que a profissão docente foi e continua sendo majoritariamente feminina. Este fator somado ao baixo valor financeiro e social¹⁴ de um diploma de licenciatura no país, leva-nos a concluir que o ofício docente ainda é desvalorizado tanto pelo grande número

¹³ A publicação de número 2, único sem uma personagem feminina, é representado por um pássaro e não, necessariamente, por um homem.

¹⁴ Aranha e Souza (2013) usam o termo “bens econômicos” para se referirem à remuneração financeira e “bens simbólicos” ao prestígio social que as profissões têm em determinada sociedade.

de profissionais do sexo feminino como por oferecer modestos salários, e vice-versa.

Por outro lado, pesquisas como essa, desenvolvida por duas professoras-pesquisadoras¹⁵, ecoa vozes de uma classe social em constante luta nessas relações de poder. Nosso discurso, como afirma Fairclough (2001), é determinado pelas estruturas sociais, mas também possui efeito sob tais estruturas. Assim, podemos contribuir para mudanças sociais, afinal “a estrutura da identidade permanece aberta” (HALL, 2006, p.14) e novas histórias e identidades podem ser construídas. Por isso, a relevância de se investigar as identidades docentes por meio de vozes femininas com a intenção de contribuir positivamente na (re)construção das identidades tanto individuais quanto coletivas (sociais), culminando também no fortalecimento da autoestima docente.

Considerações finais

Neste estudo tivemos como objetivo analisar publicações de publicações que retratam a realidade de professores em tempos de pandemia da COVID-19 – quando todas as atividades de ensino foram transpostas para ambientes virtuais – e seus impactos para a identidade docente.

Por meio da análise de discurso crítica podemos perceber que as quatro produções tinham algo em comum: a multiplicidade das tarefas do/a professor/a durante a pandemia.

Os textos analisados nos convidam a refletir sobre as inúmeras identidades que exercemos diariamente: professora, filha, mãe, esposa, amiga, e tantas outras, e que ao atuarmos como professoras, todas as outras identidades parecem se tornar desconhecidas e/ou desvalorizadas. Assim, tais imagens serviram para ressaltar não somente a multiplicidade de tarefas, como também as nossas identidades fragmentadas e cambiantes.

Esperamos que esta evidência dada aos professores/as, observadas nas práticas discursivas presentes em tais publicações, culminem em mudanças nas práticas sociais (RAMALHO, 2005). Afinal, somos produtos e também produtores da linguagem a qual, por sua vez, produz nossa realidade social. Que consigamos produzir discursos, práticas

¹⁵ Entendemos que todos os textos estão ideologicamente posicionados, assim nossa análise não pretende ser imparcial, uma vez que esta foi realizada a partir dos nossos conhecimentos, valores e crenças enquanto professoras-pesquisadoras. Portanto, confirmamos a não-neutralidade na pesquisa postulada pela análise do discurso crítica, pois como defende Chouliaraki e Fairclough (1999), um mesmo texto pode ter diferentes sentidos, os quais são construídos pelas propriedades do texto e do intérprete. Assim, a própria escolha da ADC já representa nosso posicionamento.

e realidades mais justas e coerentes com o trabalho e as identidades docentes. Talvez este possa ser um legado positivo de um período tão obscuro na história mundial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T. A linguagem da formação docente. **Língua escrita**, Belo Horizonte, n. 1, jan./abr. p.120-130, 2007.

AUDI, L. C. da C. “Eu me sinto responsável por ele”: quando professores transformam-se ao transformarem seus olhares sobre os alunos. In.: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.295-317

AUDI, L. C. da C. “Eu me sinto responsável”, os impactos do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) sobre a formação de professores de inglês. 2010. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ARANHA, A. V. S.; SOUZA, J. V. A. de. As licenciaturas na atualidade: nova crise? In.: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 69-86, 2013.

BARROS, J.; SANTOS, M., MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. A construção do “Outro” nos materiais didáticos na sala de aula de LE: uma perspectiva intercultural. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-DE-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p.279-303

BEIJAARD, D.; MEIJER, P. C.; VERLOOP, N. Reconsiderando a pesquisa sobre a identidade profissional de professores. Tradução de Lincoln Paulo Fernandes. Título original: Reconsidering research on teachers’ professional identity. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidade do professor de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. P.02-45

CALVO, L. C. S. A identidade profissional de professores de professores de inglês: representações construídas por alunos do terceiro ano do ensino médio. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.141-182

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N.; **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

D’ALMAS, J. Identidade do professor na imprensa televisiva: uma análise crítica do discurso da campanha publicitária do MEC. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.121-140

DIA da Educação em tempos de pandemia: com decisões de olhos vendados para a realidade, não é fácil comemorar. **Campanha nacional pelo direito à educação**, 2020.

Disponível em: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/> Acesso em 24 de julho de 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge, UK: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis**. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 2nd edition, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FIGUEREDO, C. J. Interação, dialogismo e identidades: como esses elementos integram as práticas de ensinar e de aprender em um contexto de sala de aula de inglês como L2/LE. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-DE-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUENZER, A. C.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. In.: **Educ. Soc.** v.26, n.93, p.1341-1362, 2005.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Pensando identidades em contextos de ensino/aprendizagem de línguas: uma discussão teórica introdutória. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-DE-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p.17-59

NORTON, B. Identidade, letramento e ensino de línguas em diferentes partes do mundo. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-DE-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p.89-107

OLIVEIRA, L. A. **Estudos do Discurso, perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p.352

OLIVEIRA, C.; FERNANDES, S. Essenciais na escola, professores são profissionais de segunda classe. **Revista Fórum**. 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/essenciais-nas-escolas-professores-sao-profissionais-de-segunda-classe/>. Acesso em 29 de julho de 2020.

PASSONI, T. P. **Planejamento crítico-colaborativo de aulas de inglês: contribuições para a perspectiva sócio-histórico-cultural de formação de professores**. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

PICONI, L. B; MATEUS, E. F. Ressignificações de identidades de professores: uma análise do encontro com o outro. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.271-293

RABELO, L. C. Interação e Identidade: experiências de um curso temático de língua inglesa. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-DE-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p.229-255

RAMALHO, V. C. V. S. Constituição da análise de discurso crítica: um percurso teórico-metodológico. **Revista Signótica**, v. 17, n. 2, p. 275-298, jul./dez, 2005.

RESENDE, V. de M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**. Campinas: Pontes, 2009.

RESENDE; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In: Handbook of Qualitative Research (2nd Ed.) Thousand Oaks: Sage Publications. 2000. p.193-217.

SILVEIRA, A. Professores do futuro são maus alunos de hoje. **Jornal gazeta do povo**. 2009. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/conteudo.phtml?id=927593>.

SILVA, J. O. Propagandas do MEC: Imagens da profissão docente. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.105-119

SOUZA, J. C. B. de; REIS, M. da G. M. dos. Práticas teatrais no ensino de línguas estrangeiras: Discurso, identidade e oralidade. In.: FIGUEREDO, C. J; MATRELLA-ANDRADE. (Orgs.). **Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p.257-277

TELLES, J. Reflexão e identidade profissional do professor de LE: Que histórias contam os futuros professores?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 57-83, 2004.

TOMAZONI, P. C. P.; LUNARDI, V. U. Reflexões sobre a identidade do professor de inglês não nativo. In: REIS, S.; VAN VEEN, K.; GIMENEZ, T. (Org.). **Identidades de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2011. p.211-231

WODAK, R.; MEYER, M. Critical Discourse Analysis: History, Agenda, Theory, and Methodology. In: _____. (Org.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 3.ed. Sage publications. 2009. p. 1-23.

Submetido em: 01 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 24 de agosto de 2022.

Como referenciar este artigo

PEREIRA, Déborah Caroline Cardoso; D'ALMAS, Juliane. Identidades docentes em tempos de pandemia: um estudo sobre discursos acerca da realidade do/a professor/a. revista **Linguagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022, p. 138-159.